



# COLÓQUIO

---

# Letras

VASCO GRAÇA MOURA  
E OUTROS LEITORES DE CAMÕES

---

 FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

---

número 215 Janeiro/Abril 2024

# COLÓQUIO

---

## Letras

# COLÓQUIO

---

## Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 **FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN**

#### CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins  
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares  
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa  
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Germano Almeida  
(CABO VERDE)

Gilda Santos  
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo  
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves  
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves  
(UNIV. PARIS NANTERRE)

Laura Cavalcante Padilha  
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés  
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana  
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares  
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud  
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto  
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David  
(UERJ-BRASIL)

#### DIRETOR

Nuno Júdice

#### APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

#### APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 16 €

Assinatura anual (3 números)

42 € - Portugal

46 € - Especial\*

60 € - União Europeia

70 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

\* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe  
e Timor-Leste

#### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian  
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: [coloquioletras@gulbenkian.pt](mailto:coloquioletras@gulbenkian.pt)

[www.coloquio.gulbenkian.pt](http://www.coloquio.gulbenkian.pt)

#### ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel: 21 782 32 92 / [vendas@gulbenkian.pt](mailto:vendas@gulbenkian.pt)

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design

(a partir de obras de Lúcia David)

IMPRESSÃO Greca

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em [coloquio.gulbenkian/contactos/](http://coloquio.gulbenkian/contactos/)

TIRAGEM 700

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

## **EDITORIAL**

No ano do quinto centenário do nascimento de Luís de Camões, homenageamos personalidades que estudaram a obra do poeta sob diversos pontos de vista.

De entre elas evocamos Vasco Graça Moura, que lhe dedicou parte dos seus ensaios, a partir de uma investigação pessoal que ajudou a esclarecer múltiplos aspetos, da iconografia à vastíssima cultura de Camões, clássica, científica, retórica — investigação sempre original e baseada nos textos que conhecia ao pormenor.

Damos também uma perspetiva do poeta, do narrador e do tradutor que Vasco Graça Moura foi, deixando um contributo importante em cada uma dessas áreas, sendo no entanto o poeta que marcou a segunda metade do século xx. Na sua produção, o rigor formal concilia-se com uma linguagem renovadora, em muito responsável pela sua afirmação no quadro da nossa poesia contemporânea.

Outros estudos completam este número, em diversas temáticas, abrindo linhas de interpretação originais que contribuem para a diversidade de propostas que a revista continua a oferecer, convidando novos ensaístas que aqui encontram um lugar de expressão para os seus trabalhos. Entre clássicos que suscitam novas abordagens e autores que permanecem num limbo de que importa retirá-los, há um equilíbrio que permite a descoberta de tópicos por vezes surpreendentes, como é o caso da visita de Fialho de Almeida à Galiza.

**Nuno Júdice**

## SUMÁRIO

### VASCO GRAÇA MOURA

- 9 Vasco Graça Moura, Bovary e outras madames  
*Teresa Carvalho*
- 19 O figurador na alta poesia de circunstância  
*José Carlos Seabra Pereira*
- 29 As mulheres na ficção de Vasco Graça Moura  
*Sandra Teixeira*
- 39 Breves notas sobre as traduções italianas de Vasco Graça Moura  
*Matteo Pupillo*

### LEITORES DE CAMÕES

- 47 Vasco Graça Moura e Camões  
*Rita Marnoto*
- 57 Helder Macedo leitor de Camões  
*Barbara Spaggiari*
- 63 Camões: ensaio de revelação da «dialéctica» seniana  
*Joana Meirim*
- 74 Jacinto do Prado Coelho, leitor de Camões  
*Maria Vitalina Leal de Matos*

### ARTIGOS

- 89 O corpo de Édipo e o umbigo de Jocasta  
*Mariana Vieira*
- 111 Almeida Garrett e a história da literatura portuguesa  
*Ricardo Nobre*
- 125 O que é a felicidade? Sobre 'A Cidade e as Serras'  
*Sérgio Guimarães de Sousa*
- 135 Fialho de Almeida na Galiza  
*Susana Neves*

### DOCUMENTO

- 145 Três poemas inéditos de Fernando Echevarría  
*apresentados por Maria João Reynaud*

### NOTAS & COMENTÁRIOS

- 153 A condição bífida na poesia de Andreia C. Faria  
*João Oliveira Duarte*
- 161 Corpo na escrita e da escrita na ficção de Djaimilia Pereira de Almeida  
*Claudia Amorim*

## RECENSÕES CRÍTICAS

### LITERATURA PORTUGUESA

#### EDIÇÃO

- 173 *'Os Lusíadas' de Luís de Camões*, ed. crítica de Rita Marnoto  
JOÃO LUÍS LISBOA

#### POESIA

- 175 *Das Mesmas Fontes*, Fernando Guimarães  
MARIA JOÃO REYNAUD
- 178 *Última Vida*, Fernando Pinto do Amaral  
MARIA LUÍSA MALATO
- 181 *Idades Longas*, Maria de Lourdes Guimarães  
RICARDO MARQUES
- 184 *Febre*, Maria Quintans  
RITA TABORDA DUARTE
- 186 *Adriano*, Tatiana Faia  
ANA FREITAS REIS

#### FICÇÃO

- 189 *Teoria das Nuvens*, Mário Cláudio  
JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS
- 191 *Neve, Cão e Lava*, Rui Nunes  
HUGO PINTO SANTOS
- 193 *A Mãe e o Crocodilo*, José Gardezabal  
PAULO NÓBREGA SERRA
- 196 *O Quarto do Bebê*, Anabela Mota Ribeiro  
ANA GABRIELA MACEDO
- 198 *Leme*, Madalena Sá Fernandes  
LUÍSA MELLID-FRANCO

#### VÁRIA

- 201 *Palavras Nómadas*, Dora Gago  
ÁLVARO MANUEL MACHADO

#### TRADUÇÃO

- 202 *Novos Poemas*, Rainer Maria Rilke  
FERNANDO GUIMARÃES

#### ENSAIO

- 204 *Mário Cesariny — A Obra ou a Vida*, Maria Silva Prado Lessa  
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 207 *A Grande Guerra do Modernismo Português*, Manuela Parreira da Silva  
FERNANDO CABRAL MARTINS
- 209 *Poética do Modernismo*, Fernando Guimarães  
TANIA MARTUSCELLI
- 211 *Fernando Pessoa: O Ser Verbal*, Dionísio Vila Maior  
ISABEL PONCE DE LEÃO
- 214 *José Saramago et son atelier d'écriture*, Sara Grünhagen  
CARLOS REIS

216 *Escritoras Portuguesas no Tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo*  
INÉS CARDOSO

218 *Visita à Oficina*, org. Izabel Margato e Alexandre Montaury  
MIGUEL MARTINS

LITERATURA DE MACAU

POESIA

220 *Macau. O Livro dos Nomes*, Carlos Morais José  
DUARTE DRUMOND BRAGA

LITERATURA ANGOLANA

CRÓNICA

223 *O Sangue da Buganvília*, Ana Paula Tavares  
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA

LITERATURA BRASILEIRA

POESIA

225 *Canção Derruída*, Mar Becker  
MARIA BRÁS FERREIRA

# Vasco Graça Moura e Camões

## DIALÉCTICA E POSSIBILIDADE

RITA MARNOTO

### 1.

Mas o que é a dialéctica [...]? É a faculdade capaz de indicar, num discurso sobre cada coisa, o que cada coisa é, em que difere das outras e o que partilha com elas: em que coisas está presente, onde existe cada uma dessas coisas e se é o que é, e, por outro lado, quantas coisas são existentes e quantas são não-existentes, diferentes das existentes.

PLOTINO<sup>1</sup>

A primeira colectânea de escritos que Vasco Graça Moura dedicou ao «maior Português da nossa literatura» (Moura, 1989: 15), editada em 1980, expõe, logo a partir do título, um distintivo basilar do seu ensaísmo camoniano: *Luís de Camões: Alguns Desafios*. O confronto traduz *ab initio* o propósito, não isento de audácia, de um debate de ideias acutilante, que irá marcar um percurso constantemente lançado à descoberta de novas perspectivas de indagação.

Nesse sentido, a dialéctica quase se impõe ao discurso crítico camoniano, como método argumentativo de base capaz de explicar, de modo coerente e convincente, a construção de um conhecimento que diferencia, agrega, classifica e articula<sup>2</sup>. O desafio começa por ser o que Vasco Graça Moura lança a si mesmo, quando afirma, na «Nota Prévia», que «a razão essencial destes textos é a de ter-me apetecido escrever sobre Camões» (*ibid.*: 9).

Será essa, efectivamente, uma das melhores formas de abordar um poeta que não só criou um universo eivado de antinomias, mas as soube explorar com uma profundidade fora do comum<sup>3</sup>. Vasco Graça Moura trá-las para o centro da sua mira, firmando as suas interpretações, no plano histórico, sobre as inquietudes do momento que se atravessava, no plano da imitação, sobre as tensões geradas entre a veneração de modelos consagrados e a construção do novo, ou, no plano literário, sobre a exploração do dissídio entre razão e sentimento, entre divino e terreno, entre certezas e errâncias.



No clima em que esse conjunto de ensaios foi elaborado, ou seja, no pós-25 de Abril de 1974, a contraposição dialéctica correspondia, com grande oportunidade, à expectativa de desvelar um Camões liberto das determinações estereotipadas, impostas pela leitura que o regime ditatorial tinha colocado ao serviço de um imaginário hegemónico tutelado<sup>4</sup>. Desvanecidas essas barreiras, Camões ressurgia como verdadeiro poeta nacional-popular, que se prestava a ser apreciado e interpretado de formas tão díspares como aleatórias. Nesse âmbito, Vasco Graça Moura multiplica-se em advertências contra a banalização da arte, o aviltamento do povo ou qualquer tipo de manipulação abusiva (*ibid.*: 15). Não deixa, também ele, de munir Camões de credenciais ideológicas, nas quais se espelha não só a abertura dialogante de muitos passos de *Os Lusíadas*, como os próprios ideais cívicos do crítico, quando faz do poeta um conciliador entre empenho civil e militar<sup>5</sup>.

As vias para a leitura de *Os Lusíadas* apresentam uma certa novidade, pelos temas explorados e por uma abordagem muito atenta a perspectivas seguidas fora de Portugal, como seja o tratamento dinâmico das fontes, a questão do género literário ou os processos de *mise en abyme*. No campo das fontes, Vasco Graça Moura leva a cabo uma peremptória ruptura quer com o estaticismo da mera individuação do texto incorporado, quer com a teoria da influência, que se saldava pela superioridade do texto e do autor de partida, em detrimento do texto e do autor de chegada, considerados inferiores. De facto, só uma perspectiva articulada em torno de diferenças e semelhanças é capaz de pôr em relevo o excepcional valor de Camões, restituindo-o à sua verdadeira craveira europeia. Quanto às questões de género, a inserção do género no tempo, erradicando a noção de matrizes puras, mostra que só a ponderação de toda a tradição que antecedeu o poema épico camoniano, a qual, em certos casos, vai muito para além da épica, pode restituir a *Os Lusíadas* a sua grandiosidade.

Por conseguinte, a colação da forma como Camões se confronta com as regras do seu tempo acaba por conduzir Vasco Graça Moura, do desafio inicial que se colocara a si mesmo, ao desafio supremo da «sublime e uma desconformidade» de um poeta que tem o mérito de «nunca estar conforme» (*ibid.*: 25). Esta noção de não conformidade, alicerçada sobre o encontro, ora consonante ora dissonante, com várias outras perspectivas críticas camonianas, vai-se adensando à medida que as páginas de *Luis de Camões: Alguns Desafios* avançam. Culmina com a significativa sintonia entre, por um lado, a dimensão espacial de *Os Lusíadas* e a «concepção vigente dela na época em que [as epopeias] são escritas» (*ibid.*: 128), e, por outro lado, as considerações de Eugenio Garin acerca do neoplatonismo renascentista (*ibid.*: 116). Só a inscrição no tempo abre a possibilidade de a *ratio* que sustém dialecticamente o discurso articular a multiplicidade infinita dos objectos com as suas carac-

terísticas comuns. Contudo, nesse quadro de possíveis, a dialéctica não priva o conceito da sua validade relativa. O desafio para a compreensão do «nunca conforme» conduz ao supremo desafio do uno.

## 2.

[O] intelecto, querendo-se libertar e desligar da imaginação a que se encontra unido, além de recorrer às figuras matemáticas e imagináveis, para que, ou através delas ou por semelhança com elas, possa compreender o ser e a substância das coisas, acaba por referir a imensidão e a diversidade de espécies numa única raiz. Assim Pitágoras, que instituiu os números como princípios específicos das coisas, entendeu ser fundamento e substância de tudo a unidade.

GIORDANO BRUNO<sup>6</sup>

O segundo livro de Vasco Graça Moura de matéria camoniana, *Camões e a Divina Proporção* (1985), é dedicado a uma das composições mais estudadas do lírico, *Sobre os rios que vão*. Logo na «Nota Preliminar», apresenta-o como «tentativa de alicerçar de modo plausível uma poética de conjecturas que é, fatalmente, a de qualquer leitura de Camões que procure compreendê-lo», entre as «plausibilidades», os «palpites» e os «pressentimentos» de uma «longa inquietação camoniana» (Moura, 1994: 7).

O volume convoca um impressionante conjunto de obras e autores, ao longo de páginas continuamente acompanhadas por um denso aparato de erudição. Destacam-se três planos de pesquisa.

No plano histórico-literário, é passado em resenha o lastro da literatura de inspiração bíblica no quadro europeu e no quadro peninsular ibérico, seguindo uma escala que se vai fazendo progressivamente mais detalhada, quando incide sobre a circulação, em Portugal, de livros de salmos e também de lunários e repertórios que a convocavam. Nesse âmbito, é posta em relevo a quantidade de traduções e paráfrases do salmo 136, sendo o seu fundo penitencial considerado sintoma de uma ansiedade dominante. Os rigores da Inquisição tinham pois motivos para um austero escrutínio de eventuais desvios heterodoxos da sua apropriação.

A passagem, desse plano geral, para o da biografia do poeta, arrasta uma série de elucubrações acerca do momento em que as redondilhas foram escritas. Para Vasco Graça Moura, o sentido simbólico de *Sobre os rios que vão* e de outros poemas com temas afins não se coaduna com a geografia do Rio Mekong, pelo que opta por situar a sua redacção em Lisboa, na última fase da vida do poeta, muito possivelmente por ocasião das cheias de 1573.

Assim sendo, haveria que justificar as anotações registadas no *Cancioneiro de Cristóvão Borges*, que refere a «perdição na China», e no manuscrito de Madrid, que reenvia para «hum grande naufragio». Corresponderiam, segundo o autor de *Camões e a Divina Proporção*, a estratégias que visavam desviar a atenção da Inquisição para o plano biográfico.

O aferimento de tais postulados é por fim reconduzido para um outro plano, o neopitagorismo, remontando às raízes históricas dessa corrente e aos elos que no Renascimento a conjugaram com o neoplatonismo. Através de desenvolvimentos numerológicos especializados, Vasco Graça Moura mostra como o cálculo do número de ouro permite reconduzir ao universal a diversidade de temas das redondilhas. É com evidente regozijo que vai avolumando operações matemáticas em série, de modo a vincar o simbolismo neopitagórico da composição a partir da secção e das subsecções áureas, explorando proporções, coeficientes, eixos e a progressão gnómica, que contemplam igualmente as divisões pitagóricas da corda musical. Da mesma feita, nesses números reverberam datas de momentos assinalados da biografia de Camões, entre nascimento, infância, estudos, etc.

A este propósito, poderia nem importar a recente aquisição crítica, relativa à apocrifia da parte de *Sobre os rios que vão* que se estende a partir do verso 200, no qual se conclui a paráfrase do sexto versículo do salmo 136, o último da versão da liturgia católica<sup>7</sup>. A análise de Vasco Graça Moura vale por si.

Acontece que o espectro dos possíveis é sempre mais vasto do que o das coisas reais, pelo que a possibilidade lógica de um conceito não implica a possibilidade real do objecto. No primeiro caso, a possibilidade significa o lugar da representação de um objecto perante um conceito e a capacidade de pensar, no segundo caso implica o próprio lugar da coisa.

### 3.

Para *conhecer* um objecto é necessário poder provar a sua possibilidade (seja pelo testemunho da experiência a partir da sua realidade, seja *a priori* pela razão). Mas posso *pensar* no que quiser, desde que não entre em contradição comigo mesmo, isto é, desde que o meu conceito seja um pensamento possível, embora não possa responder que, no conjunto de todas as possibilidades, a esse conceito corresponda ou não também um objecto.

IMMANUEL KANT<sup>8</sup>

Para além de *Camões e a Divina Proporção*, estende-se um considerável número de ensaios breves, que seriam reunidos em *Os Penhascos e a Serpente*, e que

podem ainda ser lidos em *Fernão Gomes e o Retrato de Camões* (em parceria com Vítor Serrão), *Sobre Camões, Gândavo e Outras Personagens* ou *Lusitana Praia*.

O método dialéctico de Vasco Graça Moura, nesta última fase do seu percurso crítico, ganha uma agilidade extraordinária, de possibilidade em possibilidade, através de circunvoluções raciocinantes que não podem deixar de surpreender e seduzir quem lê. Momentos da biografia camoniana, redes de amizades pessoais e intelectuais, correlações entre artes são aferidos à luz de um entendimento que por vezes parece adquirir contornos forenses.

Sempre atentíssimo ao seu operar, ele mesmo adverte, na «Nota Prévia» de *Os Penhascos e a Serpente*, que o caminho pelo qual optou se pretendeu «frequentemente ancorado em águas hipotéticas» (Moura, 1987: 9); e a *Sobre Camões, Gândavo e Outras Personagens*, apõe o subtítulo *Hipóteses de História da Cultura*, sublinhando «toda a liberdade de deriva através dos problemas» (Moura, 2000: 7).

De entre os tantos temas tratados, um dos que melhor poderá mostrar até onde vai a agudeza da abordagem crítica que adopta será o dos retratos de Camões<sup>9</sup>. Na década de 1920, Afonso de Dornelas alertara para a existência da cópia de um original quincentista, de Fernando Gomes, com o retrato de Camões tirado em vida do poeta. O autor da cópia foi identificado em 1980-81 por Aníbal Almeida: Luís José Pereira de Resende. Depois de ter passado por vários possuidores, o livreiro Richard C. Ramer, de Nova Iorque, colocou-o à venda, e a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses adquiriu-o em 1988-89, encontrando-se actualmente na Torre do Tombo<sup>10</sup>.

Consistindo o retrato num desenho a sanguínea com 145 x 130 mm, as suas dimensões, a técnica usada e o lugar da assinatura de Fernando Gomes (fora da mancha) e do nome de Luís de Camões (dentro da mancha) levam-no a deduzir que seria destinado a acompanhar uma edição do poeta. O pintor encontrava-se em Lisboa em 1573, regressado do seu tirocínio em Delft, e esteve ausente em Albuquerque, sua terra natal, entre Abril de 1576 e 1578. Vasco Graça Moura situa a sua feitura no final dessa década, argumentando com o desenho da farta gola do retratado. As restrições à sumptuosidade do vestuário, aliás agravadas por D. Sebastião, mitigaram-se com o horizonte de Alcácer-Quibir<sup>11</sup>.

A questão intersecta-se com uma outra, amplamente debatida pela historiografia camoniana: o mecenato (Moura, 1987: 43-66). Apesar de todos os indícios de que o retrato de Fernando Gomes se destinava à abertura de uma gravura em metal, que Vasco Graça Moura acha que iria ser encomendada a Jerónimo Luís, por ser o único gravador da época que se conhece e por ter trabalhado para António Gonçalves, nunca veio a ser usado para tal fim. Na opinião do crítico, a edição de *Os Lusíadas* não podia ter sido apoiada nem

por D. Sebastião nem pelas altas figuras da sociedade do tempo, na medida em que o monarca, com a sua corte, fez então grandes estadias fora de Lisboa. Os Vimioso também não teriam apoiado a edição, pois os louvores que Camões tributa a D. Manuel de Portugal, na ode *A quem darão de Pindo as moradoras*, incidem sobre empresas bélicas, o que o leva a entender que só podem ser dirigidos ao D. Manuel (sobrinho do D. Manuel poeta) designado mestre de campo general em 1577.

Este quadro relacional leva Vasco Graça Moura a sustentar que o poeta se teria apoiado na facção crítica da administração régia, e mesmo na rainha D. Catarina, que permanecera em Lisboa. Em seu entender, as referências a Actéon (*Lus.* 9.26-28) são sinal dessa aproximação, donde deduz que D. Sebastião não lera *Os Lusíadas* antes de conceder a tença a Camões, e que quando lha concedeu o poema não fora sequer editado, pois não teria sido tão vagamente referido como o «liuro que fez das cousas da Índia», desatendendo a sua qualidade literária. Quanto ao valor da tença, 15 000 réis anuais, aos vários juízos já emitidos é acrescentada, como parâmetro de aferição, uma informação muito precisa, colhida num documento transcrito por Joaquim Veríssimo Serrão: a manutenção de um escravo custava então 8000 réis anuais.

A esse propósito, mais uma fascinante possibilidade acrescenta, a de que a efectiva concessão da tença, a 28 de Julho de 1572, tenha sido favorecida por uma alta figura das suas relações: o vice-rei da Índia D. Luís de Ataíde, aportado em Lisboa a 20 de Julho, para ser recebido em glória. Além de invocar a sua identificação ideológica com o poema de Camões, e de alegar a amizade do poeta com Vasco de Ataíde, o irmão do próprio vice-rei que protagoniza um dos comensais do *Convite na Índia*, Vasco Graça Moura volta à iconografia camoniana: a miniatura de Goa, de 1581, encomendada por Fernão Teles de Meneses para estimar D. Luís de Ataíde. O gesto é documento do apreço tributado a Camões por D. Luís de Ataíde.

#### 4.

Doravante teremos de lidar com uma dupla figura em que a arte nos sai ao encontro. Na era da consciência histórica, ela deve, por assim dizer, olhar para ambos os lados: primeiro, para a presença do passado, que deixa toda a arte ser contemporânea; em seguida, para a arte da própria época, que é a única nossa contemporânea.

HANS-GEORG GADAMER<sup>12</sup>

O questionamento dialéctico de Vasco Graça Moura desmonta muitas das ideias-feitas acerca de Luís de Camões, tomando como critério de aferição

da possibilidade a cadeia de acontecimentos em sucessão que constitui a própria consciência histórica. Mas também se pode projectar através de outras hipóteses que permitem ao passado tornar-se contemporâneo, inscrevendo-se na nossa própria época. Neste caso, deixa de ser necessário comprovar a possibilidade (pelo testemunho da experiência a partir da sua realidade, pela razão, etc.), o que não dispensa o questionamento dialéctico que dá sentido à presença do passado, perscrutando-o. A multiplicação potencial daí resultante passa a modelizar o conhecimento numa nova esfera, que é a da criação artística<sup>13</sup>.

Essa distinção permite delimitar trabalho de investigação e labor criativo, na produção de muitos intelectuais que se dedicam a ambos os campos. Contudo, na obra multimoda de Vasco Graça Moura as fronteiras fazem-se frequentemente porosas<sup>14</sup>.

Assim acontece no domínio textual. Ao referir-se à antologia de sonetos de Luís de Camões, preparada por Eugénio de Andrade em 2000, o que lhe interessa não é propriamente validar as escolhas do poeta sob o ponto de vista ecdótico (Moura, 2005: 130-133). Vasco Graça Moura tem plena consciência dos problemas colocados pela efectiva atribuição, a Camões, de tantas composições líricas, apresentando uma breve resenha das escolhas de alguns críticos. Nesse sentido, acompanha a selecção operada por Eugénio de Andrade, a partir do seu gosto. Por um lado, situa-a numa sequência histórica de possibilidades não validadas; por outro, compreende-a em função de uma personalidade e de uma sensibilidade à criação alheia que são contemporâneas.

O seu posicionamento, em matéria textual, é muitas vezes de remissão para críticos do passado (Juromenha, Wilhelm Storck, Carolina Michaëlis, etc.), de cujo parecer se faz herdeiro<sup>15</sup>, remetendo as questões latentes para a contemporaneidade. Como afirma acerca da tradução incompleta dos *Triunfos* de Petrarca, não lhe importa propriamente se ela é ou não obra de Camões: «eu não o afirmo, limito-me a pôr de novo a questão» (Moura, 1987: 166).

Dito de outro modo possível:

não sei se o camões hoje teria escrito as suas *rhythmas*,  
começa porque não saberia ao certo quais eram e então não havia camonistas<sup>16</sup>

Ou, indo até à oficina onde *Os Lusíadas* foram impressos, o tipógrafo António Gonçalves pode contar ao seu interlocutor Camões e a outros poetas, no *Diálogo na Oficina* que anima o nono canto da edição ilustrada por Pedro Proença:

E nem vos disse que, do muito uso que teve, a portada se quebrou e tenho agora Jerónimo Luís a abrir uma outra, semelhante, em metal e em madeira.<sup>17</sup>

Foi também por isso que pôde escrever, no seu ensaio de edição póstuma, *Retratos de Camões*, a propósito do quadro com o poeta na prisão:

Seríamos tentados a pensar que tinha saído da mão do próprio Camões, num momento de narcisismo autocontemplativo, mas não podemos ter certezas.<sup>18</sup>

Permanece a possibilidade de que esse momento de narcisismo autocontemplativo tenha saído da mão de um escritor que deixou o passado ser arte da própria época.

#### NOTAS

[A Autora segue a antiga ortografia.]

- <sup>1</sup> Plotin, 1989: 64, 1.4. Tradução de Francisco Oliveira, a quem agradeço.
- <sup>2</sup> O método dialéctico impregna transversalmente o seu pensamento, por entre os tantos domínios de intervenção. Nuno Júdice integrou Vasco Graça Moura numa estirpe de polemistas, observando: «Homem de convicções que sempre assumiu com frontalidade, tem-no feito com um estilo que nunca procurou o tom ameno ou conciliador quando está em causa aquilo em que acredita, sem medo das palavras; e isso coloca-o numa linha que vem dos nossos grandes polemistas, de Camilo a Jorge de Sena» (Júdice *in* Nery, 2014: 38). Sendo Camões um poeta ao qual se dedicou em continuidade e com particular afinco, o modo como o estudou proporciona uma visão, em escala engrandecida, dos fundamentos epistemológicos do seu modo de apreender o mundo.
- <sup>3</sup> Jorge de Sena, em 1948, foi um dos primeiros a evidenciá-lo (Sena, 1980). Para a inscrição petrarquista do dissídio camoniano, *vd.* Marnoto, 2015: 555-636.
- <sup>4</sup> Este quadro epocal permitirá compreender melhor o lugar que, nos seus primeiros escritos camonianos, reserva a *Os Lusíadas*. Era esse o texto de Camões mais directamente instrumentalizado pela ditadura, e que portanto mais energicamente atraía uma leitura liberta de determinantes. Aliás, os escritos coligidos em *Luis de Camões: Alguns Desafios* têm uma origem bastante diversificada, que vai do artigo de jornal às reuniões da Casa de Mateus ou à academia, fruto da colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o seu Centro de Literatura Portuguesa.
- <sup>5</sup> Enraizando o posicionamento que Rui Vieira Nery atribui ao Vasco Graça Moura que virá a ser gestor de iniciativas culturais dotadas de fortes implicações político-ideológicas, na medida em que, perante uma direita ligada ao neocolonialismo e uma esquerda com uma visão anticolonial simplista, «conseguiu criar o terreno ideal do único consenso possível nestas circunstâncias, o de um espaço de debate frontal, assente no primado da investigação» (Nery *in* Nery, 2014: 103).
- <sup>6</sup> Bruno, 1985: 227-228; minha tradução.
- <sup>7</sup> Demonstrou-o Barbara Spaggiari, com fundamentos ecdóticos rigorosos, na sua edição crítica das *Redondilhas* de Camões (Spaggiari, 2021: 40-63, 216-263).

- <sup>8</sup> Kant, 2013: 25.
- <sup>9</sup> Ao qual dedicou vários estudos, que se concluíram com o livro divulgativo de síntese, editado postumamente, *Retratos de Camões* (Moura, 2014).
- <sup>10</sup> A função mediadora desempenhada por Vasco Graça Moura neste processo foi decisiva, como presidente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (1988-95), que o adquiriu, e como administrador da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1979-89), que editou o álbum.
- <sup>11</sup> Este ponto de vista é explicado em *Fernão Gomes e o Retrato de Camões*, com citação das normativas em causa (Serrão & Moura, 1989: 38-39), mas em posteriores estudos é apoiada a cronologia de Vítor Serrão, que indica um período entre 1573 e 1576 (Moura, 2014: 40-41).
- <sup>12</sup> Gadamer, 2009: 59.
- <sup>13</sup> Paralelamente à da tradução, domínio privilegiado da virtualidade (*vd.* Marnoto, 2013).
- <sup>14</sup> Como a porosidade entre vida e literatura. Quando Ana Marques Gastão pergunta a Vasco Graça Moura, em 1997, «A sua relação com a vida é sempre literária?», este responde: «Muitas vezes. Se não a controlar, ela tende a exprimir-se em termos literários. Pode ter sido um automatismo adquirido, deformação profissional» (Gastão, 2011: 28).
- <sup>15</sup> Das raras vezes em que se aventura pelos territórios da crítica textual, pode até seguir percursos de grande coerência, como acontece a propósito do soneto *O dia em que eu nasci moura e pereça* (Moura, 2005: 134-146). Ao atribuir a composição a Camões, segue o critério de sequência autoral, o mesmo que foi mais recentemente utilizado pelo filólogo românico Maurizio Perugi para abalizar a respectiva autoria camonianiana (Perugi, 2020: 253-254).
- <sup>16</sup> Moura, 2012: 1, 438; de *Concerto Campestre*, 1993.
- <sup>17</sup> Moura, 2003: s.n. Trata-se do frontispício em gravura metálica do exemplar de *Os Lusíadas* Cam. 1 P, da Biblioteca Nacional de Portugal, mas cuja impressão é posterior, de ca. 1600, conforme apurado por João Ruas através da análise da marca de água do papel (Ruas, 2022: 35; *vd.* também Marnoto 2022: 1, 463-468, com diferenciação das duas edições datadas de 1572 através da materialidade dos exemplares; Penafiel, 2022).
- <sup>18</sup> Moura, 2014: 59. Vasco Graça Moura tinha reiteradamente manifestado as suas dúvidas quanto à autenticidade do retrato.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNO, Giordano, *De la causa, principio e uno*, ed. Augusto Guzzo, Milão, Mursia, 1985.
- GADAMER, Hans-Georg, *Herança e Futuro da Europa*, trad. António Hall, Lisboa, Edições 70, 2009.
- KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*, trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão, introd. e notas de Alexandre Fradique Morujão, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 8.<sup>a</sup> ed., 2013.
- GASTÃO, Ana Marques, *O Falar dos Poetas. Entrevistas*, Porto, Afrontamento, 2011.
- MARNOTO, Rita, «*pelas florestas da noite*. Vasco Graça Moura Tradutor e Poeta», *Rassegna Iberistica*, n.º 98, 2013.
- , *O Petrarquismo Português do Cancioneiro Geral a Camões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015.
- , (ed. crit.), Luís de Camões, *Os Lusíadas. Edição Crítica da Princeps*, 2 vols., Genebra, Centre International d'Études Portugaises de Genève, 2022.
- MOURA, Vasco Graça, *Luís de Camões: Alguns Desafios* [1980], Lisboa, Vega, 1989.



- , *Camões e a Divina Proporção* [1985], Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- , *Os Penhascos e a Serpente e Outros Ensaios Camonianos*, Lisboa, Quetzal, 1987.
- , *Sobre Camões, Gândavo e Outras Personagens. Hipóteses de História da Cultura*, Porto, Campo das Letras, 2000.
- , *Diálogo na Oficina* [conto original], in Luís de Camões, *Os Lusíadas*, vol. 10, coment. José Hermano Saraiva, il. Pedro Proença, Lisboa, Expresso, 2003.
- , *Lusitana Praia. Ensaios e Anotações*, Porto, Asa, 2005.
- , *Poesia Reunida*, vol. I (1962-1997), Lisboa, Quetzal, 2012.
- , *Retratos de Camões*, Lisboa, Guerra & Paz, 2014.
- NERY, Rui Vieira (org.), *Colóquio Homenagem a Vasco Graça Moura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- PENAFIEL, André B., «Os Lusíadas, 1572: The Exemplars and the Editions», *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. 138, n.º 3, 2022.
- PERUGI, Maurizio (ed. crít.), Luís de Camões, *Sonetti*, Genebra, Centre International d'Études Portugaises de Genève, 2020.
- PLOTIN, *Ennéades*, ed. Émile Bréhier, Paris, Les Belles Lettres, vol. 1, 1989.
- RUAS, João, «Os Dois Pelicanos» [2009], *Callipole. Revista de Cultura*, n.º 28, 2022, p. 23-63.
- SANTOS, José da Cruz (org.), *Modo Mudando. Sete Ensaios sobre a Obra de Vasco Graça Moura*, Porto, Campo das Letras, 2000.
- SENA, Jorge de, «A Poesia de Camões: Ensaio de Revelação da Dialéctica Camoniana» [1948], *Trinta Anos de Camões, 1948-1978 (Estudos Camonianos e Correlatos)*, vol. 1, Lisboa, Edições 70, 1980.
- SERRÃO, Vítor & Vasco Graça Moura, *Fernão Gomes e o Retrato de Camões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- SPAGGIARI, Barbara (ed. crít.), Luís de Camões, *Redondilhas*, Genebra, Centre International d'Études Portugaises de Genève, 2021.